

A fé liberta-nos do horror de ter que admitir que tudo acaba aqui, que não há resgate algum para o sofrimento e a injustiça que reinam soberanas na terra. É o que nos garante outra palavra do Apóstolo: «Se o Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus de entre os mortos, habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo de entre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais pelo seu Espírito, que habita em vós» (Rm 8, 11).

Papa Francisco, *Audiência geral*, 16 de outubro de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 NOVEMBRO 2024
Ano XI Nº 125

125



Agenda novembro 2024

- 2 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 2 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Retiro de um dia
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *P. Rui Ruivo*
- 4 **UCP** (*F. Teologia*) – Formação avançada: O «Magnificat», um poema da humanidade: leituras no contexto de EMRC
- 4 a 21 **Online** – Doutrina Social da Igreja e estilo de vida cristão
- 4 a 8 **Fátima** (Santuário) – Retiro – *D. Gilberto dos Reis, Bispo Emérito de Setúbal*
- 5 **Porto** (CCC) – Conferência: «Este ano será para vós um jubileu»: *Da Bíblia à vida* – Domingos Areais
- 6 **Online** – De véspera com... o Beato Francisco Palau (21h30)
- 7 **Online** – De véspera com... S. Isabel da Trindade (21h30)
- 7 **Silves** (Piajet) – *Construção da vida – Destino ou fado?* – Cón. Carlos Aquino
- 7 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 8 a 10 **Ávila** (CITeS) – Mística da filiação – Isabel da Trindade
- 8 a 10 **Fátima** (Domus Carmeli) – Curso de Marianismo Carmelita
- 8 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – Pedagogia Inaciana em exercício
- 8 a 15 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 9 **Algarve** (S. Lourenço) – Jardinagem e Espiritualidade
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: «Introdução do Evangelho de S. Lucas»
- 14 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 15 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – «Não andeis, pois, inquietos!» – A vida como retiro interior
- 15 a 17 **Ávila** (CITeS) – Curso sobre Edith Stein
- 16 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 16 **Algarve** (Carmelo Faro) – Encontros no silêncio
- 16 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus
- 17 a 19 **Algarve** (S. Lourenço) – ENEAGRAMA (fds de autoconhecimento)
- 18 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de Sacerdotes
- 18 a 22 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *P. Carlos Carneiro, SJ*
- 22 a 24 **Vale lobos** (Verbum Dei) – Retiro de silêncio
- 22 a 24 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento
- 22 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Simpósio Inaciano

- 24 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 24 e 25 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro ACEGE – para empresários e gestores católicos
- 25 **Braga** (Casa da Torre) – Advento: Nunca sós
- 30 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Advento: «Tempo de graça com São João da Cruz» – Frei Carlos Eduardo

Agenda dezembro 2024

- 1 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Retiro de Advento
- 2 **Braga** (Casa da Torre) – Tempo do Advento: Nunca sós
- 2 a 8 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 3 **Porto** (CCC) – Conferência: «Ali tudo seria demora e presença» (Sophia): *Antropologia e teologia da peregrinação* – José Pedro Angélico
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *Ir.ª Ângela Oliveira, ASM*
- 5 a 13 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 5 a 8 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 6 a 8 **Braga** (Casa da Torre) – Pausa para Deus
- 7 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 7 **Braga** (Casa da Torre) – Retiro de Advento
- 7 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Retiro de Advento
- 8 a 11 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro de Advento
- 13 **Online** – De véspera com... S. João da Cruz (21h30)
- 14 **Funchal** (Carmo) – Retiro de Advento: «À espera da luz com S. João da Cruz»
- 15 e 16 **Algarve** (S. Lourenço) – Amigos de S. Lourenço (voluntariado)
- 16 **Braga** (Casa da Torre) – Tempo do Advento: Nunca sós
- 16 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: «Evangelho da Infância»
- 16 a 23 **Funchal** (Carmo) – Encontro «Com Maria a preparar o Natal»
- 19 a 22 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais: pé descalço
- 21 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus
- 21 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 22 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 24 **Funchal** (Carmo) – Auto de Natal
- 26 a 1jan **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais
- 27 a 31 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais



Cheias, dilúvio e Deus – II

Armindo Vaz, OCD

Na interpretação do relato bíblico do dilúvio no livro do Génesis 6-9, dizíamos no mês passado que era mítico e, porque tencionava dar sentido humano e religioso a realidades custosas da vida humana, punha em cena uma transgressão humana, não moral, que nos mitos de origem deveria ser inevitavelmente punida. Ora, aqui a consequente ‘**punição**’ é o dilúvio. Reduz e redimensiona a excessiva multiplicação da humanidade à face da terra, como no mito de Atrahasis. Também não equivale a um castigo moral de pecados humanos, até porque Deus declara “exterminar também o gado, os répteis e até as aves do céu” (Gn 6,7), que evidentemente não são sujeitos capazes de responsabilidade e pena moral. Dado o contexto e o género literário mítico do relato, não se pode entender como se a morte fosse a consequência do pecado nem como se Noé fosse salvo pela misericórdia de Deus. Na realidade, o dilúvio é criador: está encenado em função do inteiro processo de criação descrito em Gn 1-11.

Que cria Deus com o dilúvio? Cria e ‘explica’ a condição mortal de *todos* os seres vivos, especialmente da humanidade, dando-lhe o mais elevado sentido. É por essa razão que a narração atribui a *toda* a humanidade a causa do dilúvio (“*toda* a carne tinha um comportamento viciado sobre a terra”: Gn 6,12) e põe Deus a dar morte a “*toda* a carne”: “Pereceu *toda* a carne que se move sobre a terra..., bem como *toda* a humanidade. *Tudo* o que tinha alento de vida nas narinas... *morreu*. Assim foram *exterminados* [a tradução grega do séc. III a.C. entendeu que foi *Deus* quem *exterminou*] *todos* os seres que se encontravam à face da terra, desde os seres humanos até aos animais selvagens” (Gn 7,21-23). Diz o mesmo que a epopeia de Gilgameš: “A humanidade inteira tornou-se de novo argila” (Tabuinha XI, 133 e 173). “O dilúvio varreu/levou (tudo)” – diz a *Lista dos reis sumérios*. No mito de Atrahasis é destruída com o dilúvio toda a humanidade, menos a família do protagonista.

A partir do novo rebento que é Noé e com a nova ordem mundial depois do dilúvio, o processo de criação – que, a nível de compilação de Gn 1-11, começa em Gn 1 – avança para nova fase, decisiva, que apronta a humanidade para entrar na história propriamente dita, relatada a partir de Gn 12 com a história de Abraão, descendente do filho de Noé (Gn 11,10-32). Deus poupa miticamente um piedoso *resto* para avançar, na sucessiva fase do processo de criação, com um fundamento humano que garantisse a estabilidade perene da conhecida ordem do mundo e da humanidade. Noé não é destinado a salvar a humanidade. Tem a função de dar continuidade à criação da humanidade. A cena do **sacrifício** depois do dilúvio (8,20-22), análogo ao oferecido pelos sobreviventes do dilúvio na epopeia de Gilgameš e no mito de Atrahasis, significa o restabelecimento duradouro das actuais relações entre Deus e a humanidade, que aceita os próprios limites face a Deus, transcendente: significa o reconhecimento humano de que Deus é Deus e é o Senhor da terra.

A segura duração do mundo até ao presente do narrador e para o futuro ficava celebrada pelo símbolo de uma



Dilúvio bíblico

Imagem gerada por AI

“**aliança** perpétua”, o “arco-íris” ou “arco-da-velha [aliança]” (9,8-17), significando que Deus se demarca da hostilidade contra a humanidade. A aliança congrega o orbe terráqueo com o firmamento celeste, une o céu com a terra, mantendo distintos os dois mundos: o humano e o transcendente. O deslumbrante jogo de cores não é só forma estética. É o grande símbolo da perfeita harmonia entre Deus criador (9,10.13) e o universo visto como criado.

O mito do dilúvio põe Deus a *penalizar* toda a humanidade porque queria ‘justificar’ o carácter *penoso* da mortalidade humana e a ordem do mundo em que *todos* morremos. Conta que Deus é o criador da mortalidade humana, mas não o seu produtor e causa imediata. Ela não é moralmente imposta: é miticamente sugerida. Pela linguagem figurada e não pela história factual, o narrador pensava a morte diante de Deus: faz parte da condição humana mortal, não é uma fatalidade devida a um acidente original ou a uma culpa humana. A mentalidade de culpabilização, ainda existente em várias religiões e no cristianismo, não é sinal de uma religião falsa; é indício de religiosidade imatura, que não consegue dar sentido à morte de maneira positiva.

Assim, o dilúvio é mais do que a história duma célebre catástrofe universal para um filme de sucesso: com função fundante, essencial no mito de origem, medita na ordem cósmica e nas suas leis como divinamente estabelecidas para sempre. Se as interpretações tradicionais desta narração turvavam a captação da imagem de Deus, visto como cruel destruidor de toda a humanidade histórica, a interpretação contextualizada descobre Deus como senhor e origem de tudo o que existe.

O mito gerava uma nova sabedoria e evitava o pessimismo. Sugeria que onde há morte há drama. Mas possibilitava uma nova convivência com ela, associando-a a Deus. Sabia, que no jogo de xadrez com a morte ninguém lhe consegue dar xeque-mate; como diria Homero, «a morte chega a quem nada faz e a quem muito alcança» (*Ilíada*, IX, 320): é uma potência destruidora dos nós e dos laços vivos. Mesmo assim, enfrentou-a, com o leitor, diante de Deus, procurando desse modo dar-lhe o sentido último, que é Deus.

Com Santa Teresa do Menino Jesus

Retiro *online* de Advento



Ao caminharmos para o final do ano litúrgico, começamos a pensar no novo tempo litúrgico de Advento. Como tem sido hábito, vamos oferecer de novo um retiro *online*, desta vez com meditações inspiradas nos escritos de *Santa Teresa do Menino Jesus*.

A Igreja, neste tempo litúrgico de Advento, convida-nos a voltar à revelação que Deus quer fazer de Si no dom do Seu Filho. Santa Teresa do Menino Jesus irá acompanhar-nos neste regresso às fontes da nossa fé. Ela saberá muito bem fazer-nos compreender aquilo que ela mesma compreendeu durante a sua existência, breve mas tão intensa: «as antecipações de Deus na sua alma».

Este retiro, em companhia de Santa Teresa de Lisieux, guiar-nos-á à alegria do Natal através de 5 etapas:

- 1.º domingo: Orar como uma criança
 - 2.º domingo: Converter-se com confiança
 - 3.º domingo: Com Cristo «tudo é graça»
 - 4.º domingo: Maria, modelo de fé e de consagração
- Natal: A admirável troca entre Deus e o Homem!

Todas as sextas-feiras receberá uma mensagem por email: poderá descarregar o texto (em 3 formatos: *PDF*, *Word*, *formato PDF móvel*) ou ouvir a versão áudio em *podcast*. A meditação será feita a partir do Evangelho de domingo para nos colocar na escola de Santa Teresa de Lisieux. Um calendário de Advento (citações e imagens) também o ajudará a alimentar cada dia, de segunda a sábado. [🔗](#)

Compreendi que a verdadeira grandeza se encontra na *alma* e não no *nome*, pois, como diz Isaías: «O Senhor dará *outro nome* aos seus eleitos». E S. João diz também: «O vencedor receberá uma pedra branca na qual está escrito um *nome novo* que ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe». É portanto no Céu que sabermos quais são os nossos títulos de nobreza. Então cada um receberá de Deus o louvor que merece; e aquele que na terra tenha querido ser o mais pobre, o mais esquecido por amor de Jesus, esse será o primeiro, o mais *nobre* e o mais rico!...

Santa Teresinha do Menino Jesus, Manuscrito A, *Obras completas*, p. 163, Edições Carmelo



«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD



Israel-Hamas: As imagens de destruição da guerra | Foto: Reuters/Saleh Salem

Salmo 74 (73) Oração pela libertação do povo

1 Ó Deus, por que nos rejeitaste para sempre?
Por que se inflama a tua ira
contra o rebanho de que és pastor?

2 Lembra-te da tua comunidade,
que há muito adquiriste,
da tribo que resgataste para tua herança,
do monte Sião, onde tens a tua morada.

3 Dirige os teus passos para estas ruínas sem fim;
o inimigo destruiu tudo no santuário.

4 Os teus adversários rugiram
no meio das tuas assembleias,
hastearam ali as suas bandeiras como emblema.

5 Atacaram a entrada superior
e destruíram as madeiras a golpes de machado.

6 Deitaram abaixo todas as suas portas
a golpes de malho e de martelo.

7 Deitaram fogo ao teu santuário,
derrubaram e profanaram a morada do teu nome.

8 Disseram em seus corações: «Destruamo-los a todos!»
E incendiaram todas as assembleias de Deus no país.

9 Já não vemos os nossos sinais, já não existem profetas
e ninguém entre nós sabe até quando.

10 Até quando, ó Deus, o inimigo nos vai ultrajar?
Poderá o adversário desprezar o teu nome para
sempre?...

18 Lembra-te, SENHOR, que o inimigo te insultou
e um povo insensato desprezou o teu nome.

19 Não entregues aos abutres a vida dos teus fiéis;
não esqueças para sempre a vida dos teus pobres.

20 Olha pela tua aliança,
pois os recantos do país estão cheios de violência.

21 Que os humildes não voltem confundidos;
que o pobre e o indigente possam louvar o teu nome.

22 Ergue-te, ó Deus, defende a tua causa e lembra-te
das ofensas que, todo o dia, te fazem os insensatos.

23 Não te esqueças dos gritos dos teus inimigos,
do tumulto sempre crescente dos teus adversários.



Encontros no silêncio

Carmelo de Faro



As irmãs Carmelitas Descalças de Faro (Patação) vão retomar os "Encontros no Silêncio". O próximo encontro está marcado para o dia 16 de novembro com início às 09h. Os Encontros no Silêncio são destinados a «jovens a partir dos 16 anos e são um espaço orante para escutar Jesus e ajudar a discernir a vocação a que Ele os chama, seja na vida religiosa, sacerdotal ou no matrimónio». A equipa é formada por Leigos que vivem o matrimónio como estado de vida, Sacerdotes e Irmãs contemplativas, todos da Família Carmelita Descalça. [🔗](#)

Doutrina Social da Igreja e estilo de vida cristão

A arte de ser Pessoa e a procura do Bem Comum



A Doutrina Social da Igreja pressupõe e apoia um modo de vida cristão. A proposta cristã de organização da sociedade é acompanhada por uma proposta de vida baseada no amor e numa conceção da pessoa como um ser único e irrepetível. Neste sentido, o centro de espiritualidade Redentorista pretende levar a cabo um curso, de 4 a 21 de novembro de 2024, no sentido de refletir sobre esta conceção da pessoa e as suas implicações num estilo de vida que nos ajude e nos permita não só alcançar facilmente uma vida plena, mas também construir o bem comum onde quer que estejamos. [🔗](#)

Curso de Marianismo Carmelita

Primeiro módulo agendado de 8 a 10 de novembro de 2024



Os padres Carmelitas Descalços vão levar a cabo a realização do "Curso de Marianismo Carmelita" com o objetivo de oferecer um programa de formação espiritual, com foco na relação especial dos Carmelitas com Maria. O curso terá 24 horas de aulas distribuídas em 4 módulos ao longo do ano pastoral de 2024-2025. Os temas abrangem desde as origens da espiritualidade mariana até à influência de figuras como Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz. Este curso busca aprofundar a vida de oração e o seguimento de Jesus com Maria. Inserido na "Escola de Oração", este curso é uma oportunidade única para aprofundar a devoção mariana e enriquecer a vida espiritual em temas tão afáveis como a relação de Maria com os santos carmelitas, a oração e a vivência da fé com Maria. [🔗](#)

O SONHO DE UMA NOVA MANHÃ

Cartas ao Papa

Tomáš Halík



Que futuro para a Igreja Católica? Dando continuidade à reflexão iniciada em A Tarde do Cristianismo, Tomáš Halík, sob a forma de uma série de cartas a Rafael, papa imaginado que em sonhos o visita, esforça-se neste seu novo livro por apontar profeticamente caminhos possíveis a uma Igreja ainda a despedir-se de uma forma de ser e estar hoje desajustada do mundo. Halík esboça a sua resposta ao repto sinodal de Francisco, apresentando não um catálogo de medidas concretas para mudar a Igreja, mas as linhas-mestras que, na sua opinião, devem presidir a qualquer reforma. O catolicismo terá futuro se for, de facto, católico, isto é, universal, para «todos, todos, todos», redescobrimo, sob os dogmas, o coração pulsante da mensagem e do ser de Cristo: o amor.

Publicação: Paulinas editora [🔗](#)

clustro

Caminhos de santidade.

Dina Louro reflete sobre a jornada espiritual, destacando a importância do autoconhecimento e da humildade para alcançar a santidade. A autora compartilha as suas experiências pessoais com os escritos de Santa Teresa de Jesus, e como a compreensão da própria miséria humana pode ser reconciliada com a infinita misericórdia de Deus. Incentiva-nos a prática constante da oração e vigilância, em busca de uma vida espiritual mais profunda. [🔗](#)

A Sabedoria no Monte de Elias.

A irmã Sofia da Cruz apela-nos a refletir sobre a espiritualidade do profeta Elias e seus ensinamentos. A sua sabedoria revela-se em duas virtudes: o zelo e a solidão espiritual. Através do simbolismo do monte, Elias experimenta a presença de Deus, escutando a "brisa suave" que manifesta o ato criador e dá vida. A reflexão enfatiza o chamamento à contemplação e ação, como exemplificado por Elias, que vive em plena comunhão com Deus. [🔗](#)



Três perguntas e... mais uma

«[Este livro] *Anima-nos na nossa jornada com Deus.*»

1. Ainda faz sentido falar da Noite Escura, hoje?

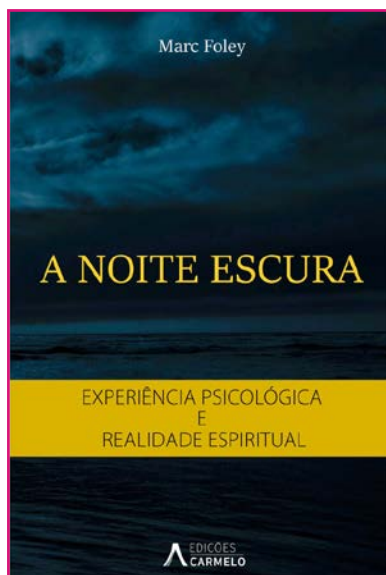
Parece-me que João da Cruz e «Noite Escura», na cabeça de muita gente, andam de mãos dadas. E ainda bem, porque foi efetivamente João da Cruz quem cunhou a expressão e quem dela melhor falou. No entanto, penso que se percebe mal o que é a Noite Escura. Associa-se Noite Escura a algo difícil, que custa horrores, um processo de dor e purificação. E é verdade que a Noite Escura tem tudo isso. Mas isso são as consequências segundas. O importante é perceber a que se refere, realmente, essa expressão. De forma simples, «Noite Escura», diz um processo de união com Deus. É verdade que vai ser um processo doloroso, é verdade que vai ser um processo confuso, que quem o padece não percebe o que se passa. Aliás, é por esse motivo que João da Cruz lhe chama Noite Escura: ainda que nos custe a assumir, no século XVI a noite era mesmo noite, não havia luzes como atualmente e quando a lua se escondia é que não se via mesmo nada. Ora, quem passa por este processo está sem luz nenhuma, está às escuras – na noite, portanto.

O interessante da Noite é que é noite por uma causa segunda. Podemos explicar assim: quando olhamos para o sol ele cega-nos. Mas tal não significa que o sol desapareceu. Não, o problema é nosso, que não temos capacidade para acolher tanta luz. Ora, na Noite acontece o mesmo: Deus quer unir-nos a Si, quer trazer-nos mais para Si. O problema é que o Homem não é capaz de acolher plenamente a grandeza de Deus. Quando Ele nos chama de uma forma mais intensa para Si não estamos aptos para O receber. Ora, é isto que causa a tristeza, a dificuldade e o drama da Noite: porque apesar de Deus estar presente, apesar de estar a amar e a encher a pessoa da Sua luz, o que a pessoa percebe é que Deus o abandonou, que vive numa Cruz perene e não tem luz nenhuma que a guie.

Mas o importante não são os efeitos da Noite. O importante é o que a Noite faz, o que ela realiza. E ela realiza a nossa união com Deus. Por isso, altero um pouco a pergunta: faz



André Morais, ocd – Tradutor



A NOITE ESCURA

Autor: Marc Foley, ocd

(Edições Carmelo, 2024. PVP 15,00€)

sentido que nos queiramos unir a Deus? Claro que sim! Para Ele fomos feitos, só se nos dermos todo a Ele encontraremos a plenitude pela qual o nosso coração aspira. Por isso faz sentido falar de Noite, porque Deus continua a querer-nos para Ele.

2. Qual é a atitude indispensável para se ler São João da Cruz?

Sempre sintonizei muito com São João da Cruz. Não sei dizer porquê... Ele é poeta, eu não sou; ele é muito ponderado e eu muito impulsivo; ele calmo, eu algo impaciente. Não deveria haver assim tanta sintonia. Mas a verdade é que há. E acho que há porque para ele, como para mim, o mais importante é Deus. Sempre

percebi João da Cruz como sendo um filho desta radicalidade pela qual aspiro: só Deus é importante, Deus é tudo e perante Ele, tudo o resto tem pouca importância. Não que seja mau – que não é – mas Deus é melhor. Esta parece-me ser a chave de leitura para compreender João da Cruz: tudo nele, tudo nas suas obras está em função desta união com Deus, de nos darmos todos a Quem já se deu todo e por inteiro a nós. Se percebermos isto, então nada é difícil, nada é estranho, porque reconheceremos que estamos perante um enamorado por Deus. E todos sabemos que os enamorados só têm olhos para aqueles que amam. E é isto que João da Cruz quer fazer também connosco.

3. No acompanhamento espiritual, tal como o entende São João da Cruz, qual é o papel do psicólogo?

Se não leio mal João da Cruz, para ele o acompanhamento espiritual, e de uma forma particular o acompanhante, tem como missão ajudar a pessoa a descobrir por que caminho o Espírito Santo o leva. Ora, como diz São Paulo, o ser-humano é uma unidade de corpo-alma-espírito. Se é essa unidade, tal significa que o psicólogo também poderá ter uma missão nessa vertente. E isto porque os caminhos do Espírito revelam-se na pessoa, na sua integralidade, pelo que é importante compreender os mecanismos psicológicos do ser-humano para se poder atender melhor ao que o Espírito possa estar a querer dizer a cada um, percebendo e distinguindo o que é da componente psicológica e o que pertence à dimensão espiritual.

e... 4. A quem recomendarias este livro?

Recomendaria este livro a todos quantos de verdade quiserem que Deus seja o seu tudo. E por um simples motivo: porque João nos vai mostrando o muito que nos falta fazer, dando-nos gás, não nos deixando ficar quietos e obrigando-nos a fazer o pouquinho que está ao nosso alcance para nos dispormos à ação de Deus. E Marc Foley, na sua linguagem atual e com a sua formação psicológica, ajuda-nos a desmistificar muita coisa e a animar-nos nessa jornada até Ele.

A serena e agradecida oração do Fradinho do Carmo

Frei João Costa, OCD



Ucrânia – Verónica Parente

Um homem em chamas ou uma vela a arder, assim foi o Fradinho do Carmo.

Se alguma constância existiu na sua vida foi a sua total fidelidade à oração que, aos olhos de todos, oolveu incêndio que alumia e aquecia. Que tanto a todos atraía. Em 1934, quanto tinha quarenta e sete anos de vida, Frei João d'Ascensão encontrou o eixo da sua vida, precisamente quando Portugal, depois de terrível guerra fratricida, se encontrava exangue, desvalido, em maré vaza.

Registemos, portanto: foi em maré vaza, num dos mais terríveis afundamentos da nação e com a religião reduzida a escombros que o Fradinho se volveu pão, alimento e pérola para os pobres que o buscavam e se lhe confiavam, ou também aqueles outros que com ele ocasionalmente se entrecruzaram. Retenhamos, pois: ao norte do país, inesperada fogueira se acendeu na maré vaza do oitocentos português.

Fácil é de identificar que a primeira fase da sua vida, até Maio de 1834, foi de serena procissão claustral; já a segunda, depois daquele equador, foi uma vida sem claustros, sem procissões, sem a nervura da vida regular, logo mais exposto a qualquer vento frio ou intempérie que viesse a precipitar-se sobre as ancestrais ruas de Braga. Fosse Verão, quando ali até as pedras ardem, fosse Inverno, quando o duro lajedo enregela, aquelas bimilenares ruas ofereciam-se a seu passo como terno claustro em que a sua alma sabia recolher-se e rezar.

Que o seja, se o é, não o chamo inovador – o homem no deserto da cidade, o frade que reza na cidade, que

reza a cidade – mas já digo que, tudo tendo-lhe sido esbulhado, menos o burel, e abandonado na solidão das vielas e ruas escuras, então ali ele soube reinventar-se e rezar.

Em boa verdade, nem antes nem depois, jamais as marcas da sua oração foram algo parecido ou comum ao que ao tempo houvera, fosse na Litúrgica das Horas ou na Eucaristia, no marianismo ou na sua devoção pelas Almas do Purgatório; mas, sim, já se mostrou incomum no modo delicado e intenso como se incendiou e ardeu num qualquer claustro, fosse ele rectangular ou em linha.

Sim, houve, mas se equador não houvera, a sua vida seria calar e calado viveria a rezar, qual círio de altar.

Em Portugal, sabemos-lo, os claustros ruíram depois de meados de 1834; não por vontade de quem os alçara, mas por alheia volúpia. Ruíram, dizemo-lo, em sentido figurado, visto que os lustrosos iluminados, quando deles trataram de expulsar as sandálias santas, ou os entregaram às botas cardadas, o que não é de todo mau, ou os humilharam debaixo dos nobres cascos das azémolas.

O *Santo Fradinho* foi um dos muitos que, ao tempo, dos claustros foram enxotados. Porém, não se inquietou jamais, nem jamais se acocorou. Se antes rezava como manda a Regra de Santo Alberto de Jerusalém, de igual depois continuou a rezar. Lê-se na Regra que alumia o Carmo: «*permaneça cada um na sua cela, ou perto dela, meditando dia e noite na lei do Senhor e vigiando em oração, a não ser que se deva dedicar a outros justifica-*

dos afazeres». O verbo que no preceituado tem força é «permaneza». Ora, se ela manda *permanecer*, sempre ele *permaneceu* em oração; e *permaneceu* antes e *permaneceu* depois. Que, pois, enfim, lhe importaria não poder rezar no claustro, se por claustro podia tomar qualquer viela, qualquer ruela ou capela? Qualquer carreiro ou praça?

Quem mais creia sempre poder cavalgar a crista da onda, tanto mais ignora o que atrás se indiciou: é na maré baixa que tesouros se acham e da escura lama se desenterram luminosas pérolas – de idêntica massa escura, a seu tempo, emergiu o Fradinho a rezar! A rezar. Rezando sempre, baixinho, e em todo tempo, e em todo o lugar, sempre em zeloso cumprimento. No seu coração e na sua mente, o mesmo em suas nuas mãos e pés descalços, gémeos andaram e unidos, a mesma penitência escorreta, o mesmo piedoso silêncio, a mesma oração confiada, e a raiz de toda a sua vida, a caridade. Nunca nada tanto o deliciava como a consideração dos «mistérios da Redenção», pois nada tanto lhe avivava o coração como os exercícios pios, onde se procurava recluir e, na inversa, ao olhar do povo mais o faziam resplandecer, e mais e mais o moviam à caridade. Quem se admirará, portanto, que sem hesitar cumpra o preceito da Regra de rezar noite e dia, de orar sem desfalecer, de permanecer tremeluzindo diante do altar e do sacrário? Foi isso que viram os do seu tempo e o discípulo assim resume: «A vida de Frei João era uma contínua oração. De contínuo elevava a Deus o seu espírito e o seu coração em toda a parte e em todo o lugar».

Homem de oração era e frade eucarístico e anjo dos sacrários de Braga.

Frei João d'Ascensão celebrava piamente a Eucaristia. Quando leio, e depois repito, o advérbio *piamente* só me lembro de certos padres que ao celebrar missa se assemelham a amena angra, à qual os barcos acorrem para descansar, dessedentar-se ou se recompor. Ali a voz elevam, e os braços e as mãos fazem pequeninas ondas que, pronto, beijam o calado dos barquitos e dos navios – assim, beijando, celebrava missa, o *Santo Fradinho*. E em pós celebrá-la, dizem, assistia a uma ou mais missas. Como delicada acção de graças, quero crer. E isto de ordinário, não apenas nos dias de egresso.

Sempre que podia e o mais que podia, Frei João visitava demoradamente o Santíssimo Sacramento quando exposto à adoração pública; e sem cuidar que fosse ou tivesse de ser na *sua* igreja, que *sua* não era nenhuma, visitava frequentemente os sacrários das igrejas de Braga, onde, como adorante anjo protector, longamente restava em prolongada adoração. E não se

fechava aqui a sua jornada de oração, porque depois seguia rezando e meditando, percorrendo, passo a passo, a Via Sacra; e, por fim, terminada esta, venerava cada uma das imagens dos altares.

Carmelita Descalço ele era, e como tal amava a oração de recolhimento. Ora, quem ama protege e guarda o objecto da sua devoção. Dizem, por isso, os de Braga, que Frei João d'Ascensão «*ora se encontrava neste templo, assim noutra, com todo o recolhimento*». Estar em recolhimento não é nunca tanto como uma Missa, mas é muito típico da espiritualidade do Carmo que sabe penetrar no íntimo e, a sós, recolher-se em diálogo no mais profundo centro da alma, ali onde só vive Deus em sua glória e a nós se une tão intimamente.

Homem de oração era e frade de breviário.

Em algum lugar se diz que o Carmelita Descalço Frei João d'Ascensão, dedicado, recitava devotamente o Ofício Divino. Eu entendo que as famílias de uma nação amam e honram todas a sua bandeira comum. Honram-na ou com lágrimas ou com sangue, ou com sorrisos ou com versos, ou com hinos e continências. Com aquele ou aqueloutro gesto, todas as famílias se inclinam diante da bandeira da nação. É isto que eu intuo quando leio que o Fradinho rezava o Ofício Divino como um mais do Carmo Descalço; isto é, na recitação dos salmos manteve sempre o modo pronto, atempado, sereno e cuidado, talvez não tão elevado como a águia altiva, mas bem mais que o pardalito que ora aqui está, ora ali, nunca nervoso como um melro, já tão igual à delicada rola quando pelos floridos prados arrulha.

Rezar as Horas ao modo dos Descalços do Carmo será isso – um rezar manso como a rola. E sim, delicado e manso diante de Deus se mantinha o Fradinho, não uma hora, não duas horas, mas a diário essas duas benditas horas, e as outras vinte e duas que no dia cabem. Não foi ele homem de arroubos nem de sobresaltos, não foi visionário nem agitador, antes cumpriu o que ao bálsamo sempre se pede: carícias e ternura. Recitou os salmos com o tempero e a delicadeza do bálsamo propiciatório e, depois de cumpridas as obrigações litúrgicas, ficava-se como um delicado querubim diante da Arca da Aliança. E complementa-se: para demoradamente propiciar o rosto de Deus, obviamente roubava horas ao sono e ao descanso, prolongando e estendendo a vigília nocturna; e se disso fosse impossibilitado, levantava-se mais cedo, a fim de se dedicar a este pio exercício antes da comunidade alcançar o coro e iniciar as orações matutinas.

Homem de oração era e devotado filho da Virgem Maria.

Frei João d'Ascensão celebrava *piamente* a Eucaristia. Quando leio, e depois repito, o advérbio *piamente* só me lembro de certos padres que ao celebrar missa se assemelham a amena angra, à qual os barcos acorrem para descansar, dessedentar-se ou se recompor.

Desde tenra idade, Frei João d'Ascensão era devotíssimo da Senhora do Carmo. Ainda muito jovem, do seu hábito se revestira em sinal de total consagração à Mãe de Deus. Ao longo da sua vida, para Ela sempre tinha sinais ímpares de amor obsequioso: como ninguém venerava o Santo Escapulário do Carmo, com o qual se revestia e se defendia, e devotamente o pregava e anunciava como sinal de aliança entre Mãe e seus filhos e filhas. Recitava, sempre que podia, o Ofício Parvo ou as Horas Marianas, cuja originalidade se encontra no relevo dado à pessoa da Virgem, sem nunca, porém, a apresentar isolada do mistério de Cristo e do plano de Deus para a salvação da humanidade. E para Ela reservava muitos outros pios exercícios, como fosse a de saudá-la com a Ave Maria sempre que, não se encontrando impedido, ouvia o relógio a dar horas.

Aqui não podemos ignorar que o nome *Carmo* – o seu amado Carmo – significa *jardim*. E também não ignoramos as aspirações do Fradinho em manter-se merecedor de ser filho dilecto e fiel servo da Virgem do Carmo. Em seus gestos ou palavras a ninguém jamais feria ou magoava; e esse ninguém é mesmo ninguém, nem mesmo aqueles bichinhos que causam repugnância. Assistido pela graça e não sem esforço da sua parte, era com certeza uma alma cândida, um vergel de margaridas e lírios brancos que ele conservava terno e incandescente ao mesmo tempo, que o seu coração de uma só mulher era: da Senhora e Formosura do Carmo.

Homem de oração era e pai das Almas do Purgatório.

Entre altar e o sacrário, entre o trono da Senhora do Carmo e os claustros – sejam os conventuais, sejam as ruas e as vielas – eis toda a geografia orante do Santo Fradinho. A rezar Missa ou silencioso diante do tabernáculo, contemplando as vias sacras e as imagens sagradas em seus altares, rezando a Nossa Senhora e contemplando a sua imagem, ou percorrendo os claustros em fervorosa oração, assim o viram, contemplaram e admiraram os portugueses pelo país abaixo, mormente os bracarenses em sua urbe.

Duma geografia física aqui se trata, mas mais, sobretudo, a devocional e espiritual. Entre as devoções a que diariamente se entregava, a uma em especial se devotava: «a de orar pelas almas do purgatório, visitar os sepulcros dos claustros, e sobre eles esparzir água benta recitando salmos e responsos». Isso notou aquele discípulo que escreveu um rascunho sobre a sua fisionomia espiritual, que nunca inteiramente foi dada à luz. E notou-o ele e os muitos que em Braga viram que: «não só neste tempo [de Braga], mas em todo o tempo da sua vida foi extremosa a sua caridade para com as almas defuntas»

– eis o amor que delicadamente sempre arrepanhou o coração do Fradinho Santo. Pelas «*almas justas que estão em penas*» rezou, sofreu e entregou todas forças da sua própria alma, todo o sangue das suas veias, toda a tensão de seus nervos. Sentia por elas uma tão extrema dedicação que por elas entregava todas as indulgências «*aplicando quantas podia para que estas almas fossem aliviadas e levadas a gozar da felicidade eterna*». Eis, pois, a razão por que nos seus dias de Braga, e já desde antes, a sua «*caridade compassiva*» em favor das «*almas defuntas*» se revelava notavelmente notável. Essa foi, assim creio, a grande obra de Frei João: rezar intensamente pelos mortos e beneficiar da sua solidariedade. Sim, rezar, rezar sempre, rezar e beneficiar do bem que fazia e animava a fazer às almas do Purgatório.

Aos seus dias de Carmelita Descalço exposto à intempérie, sobretudo os de Braga, que é donde as notícias mais bastas são, deve crescer-se um sublinhado a esta piedosa devoção pelas Almas, pois se diz que se obrigava a si mesmo a «*passar grande parte das noites nos claustros e nas igrejas orando sobre as sepulturas, privando-se assim do sono e do descanso para dar alívio a quem tanto dele necessitava*». Esta é provavelmente a marca mais vincada da alma orante do Fradinho: o apreço pela oração em favor das Almas não inteiramente purificadas. Aquela sua tão gentil dedicação expressava-se numa intensa e delicada solenidade: por elas recitava salmos e responsos e abundantemente aspergia as sepulturas de água benta; este ternário: salmos, responsos e água benta eram rezados e celebrados tão demoradamente que Frei João mais parecia querer «*sepultar-se em vida nas mesmas sepulturas*».

A demora é a sua genuína marca d'água, porque a sua caridade para com as Almas era sem pressas, era caridade em andamento lento, feita cuidadosa e prolongada oração. Mais: a comunhão do humilde e piedoso Descalço com os defuntos era tão profunda, como se quisesse sepultar-se com eles para os abraçar, para com eles rezar de mão dada, a fim de com eles mais brevemente gozar das eternas consolações. Sim, os seus pés descalços afagaram as húmidas e frias lajes dos claustros do Carmo de Braga tão demoradamente, como quem as acaricia e lhes faz complacências. Tal ideia não é lúgubre, pois encerra uma tão alta carga afectiva e carinhosa que, entrevendo nós por entre os véus do tempo, um fradinho caminhando e rezando pausado, sereno e calmo à volta do claustro, ainda hoje tal imagem nos conforta e serena a alma. E nos recolhe em oração.

Oração ele era.

Enquanto isto escrevíamos não cuidávamos de enumerar as vezes em que grafámos o adverbio sempre. Tal não foi intencional nem buscado, mas foi desejado reforçar a ideia de permanência, porque aqui ou ali, dentro ou fora, oração ele era. Sempre.